

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

Avaliação,
Políticas
e Expansão
**da Educação
Brasileira 8**

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 8

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 8 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 8) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-465-8 DOI 10.22533/at.ed.658191007 1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA DA UNIPAMPA NOS PRIMEIROS ANOS DE CRIAÇÃO - VISÃO INSTITUCIONAL	
Caren Rossi Alzira Elaine Melo Leal Katiane Rossi Haselein Knoll	
DOI 10.22533/at.ed.6581910071	
CAPÍTULO 2	15
A GUERRA DO CONTESTADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA APROXIMAÇÃO INDISPENSÁVEL NO MEIO-OESTE CATARINENSE	
Marco Andre Serighelli Vanessa Wegner Agostini	
DOI 10.22533/at.ed.6581910072	
CAPÍTULO 3	25
A PRIMEIRA IMPRESSÃO, OS DEVANEIOS EM BACHELARD E UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO	
Rafael Augusto Valentim da Cruz Magdalena Luciane de Souza Oliveira Valentim Elaine Cristina Balancieri Pereira André Augusto Gutierrez Fernandes Beati	
DOI 10.22533/at.ed.6581910073	
CAPÍTULO 4	33
AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU PARA A EDUCAÇÃO	
Bianca Cristina dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6581910074	
CAPÍTULO 5	41
CARACTERIZAÇÃO DE PARÂMETROS (INDICADORES) EM COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO (COINFO): ESTUDO DE CASO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA COM O USO DE ABORDAGENS QUALITATIVAS	
Marcia Rosetto Regina Célia Baptista Belluzzo	
DOI 10.22533/at.ed.6581910075	
CAPÍTULO 6	53
DIÁRIO, CARTAS E CADERNOS: UMA ANÁLISE DOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS DAS PRINCESAS ISABEL E LEOPOLDINA	
Jaqueline Vieira de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.6581910076	
CAPÍTULO 7	70
ECOS MORAIS E CÍVICOS: UMA ANÁLISE DO AMBIENTE DE UMA BANDA MARCIAL EM TEMPOS DE DITADURA	
Rafael Montoito Rafael de Souza Velasco	
DOI 10.22533/at.ed.6581910077	

CAPÍTULO 8	84
EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA: A POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO SOCIAL	
Patricia Melo Magoga Darcísio Natal Muraro	
DOI 10.22533/at.ed.6581910078	
CAPÍTULO 9	96
GRUPO PET-GEOLOGIA E O MUSEU DE GEOCIÊNCIAS NA ATUALIZAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOLOGIA DA UFPA	
Rosemery da Silva Nascimento Carlos Andrei Pedroso Da Silva Gabriel Silva De Araújo Pontes	
DOI 10.22533/at.ed.6581910079	
CAPÍTULO 10	108
HISTORIA DA ESCOLAS PÚBLICAS CARIOCAS: DESAFIOS DA EXPANSÃO NOS BAIRROS DA GAVEA E URCA	
Rosimeri da Silva Pereira Arlindo Carlos Silva da Paixão Franklim Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.65819100710	
CAPÍTULO 11	117
MAPEAMENTO HISTÓRICO DA VINCULAÇÃO DE RECURSOS PARA O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Edugas Lourenço Costa Rafael Pavan	
DOI 10.22533/at.ed.65819100711	
CAPÍTULO 12	131
O PATRIMÔNIO CULTURAL NO CONTEXTO DAS NOVAS RURALIDADES DO SEMIÁRIDO NORDESTINO	
Gerciane Maria da Costa Oliveira Kyara Maria de Almeida Vieira Gionara Bruna Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65819100712	
CAPÍTULO 13	143
O USO DE DOCUMENTÁRIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE RELAÇÃO	
Lóren Grace Kellen Maia Amorim Maria Teresa Menezes Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.65819100713	
CAPÍTULO 14	153
OLHARES - A FOTOGRAFIA E OS ESPAÇOS URBANOS NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ESPACIAL: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Fátima Aparecida da Silva Faria Galvão dos Santos Erik Armando Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.65819100714	

CAPÍTULO 15	164
PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE TRABALHO DOCENTE	
Solange Martins Oliveira Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.65819100715	
CAPÍTULO 16	177
SOBRE AS UNIVERSIDADES: UM ESTUDO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ	
Oscar Edgardo N. Escobar	
DOI 10.22533/at.ed.65819100716	
CAPÍTULO 17	186
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Taira Carvalho Assis	
Laís Leni Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.65819100717	
CAPÍTULO 18	202
TRANSFORMAÇÕES EDUCACIONAIS NO SÉCULO XX: APONTAMENTOS SOBRE AS POLÍTICAS SOCIAIS E EDUCACIONAIS	
Helen Barbosa Raiz Engler	
Leonardo Henrique Cardoso de Andrade	
Tatiana Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.65819100718	
CAPÍTULO 19	209
UMA ANÁLISE DA ATUAL EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA	
Edelvar Vicente Rippel	
Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.65819100719	
CAPÍTULO 20	219
UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE DAVID HUME E RENÉ DESCARTES	
Ana Cristina da Silva Brito	
Kelei Zeni	
Eliane de Fátima Triches	
DOI 10.22533/at.ed.65819100720	
CAPÍTULO 21	228
BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: APONTAMENTOS À LUZ DE FOUCAULT	
Adriana Martins de Oliveira	
Francismeiry Cristina de Queiroz	
Raquel Martins Fernandes Mota	
DOI 10.22533/at.ed.65819100721	
CAPÍTULO 22	240
VIOLÊNCIA ESCOLAR: DESAFIOS EM CURSO NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI	
Vanessa Gonçalves da Silva	
Cleide Ester de Oliveira	
Veralúcia Guimarães de Souza	
Francisco Carlos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65819100722	

CAPÍTULO 23 253

VIOÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS QUE POSSIBILITAM ESSA PRÁTICA

Maria Goretti Rodrigues de Sousa Oliveira

Maria Aparecida Pereira

Maria de Fátima Leite Gomes

DOI 10.22533/at.ed.65819100723

SOBRE O ORGANIZADOR..... 262

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS QUE POSSIBILITAM ESSA PRÁTICA

Maria Goretti Rodrigues de Sousa Oliveira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

João Pessoa- Paraíba

Maria Aparecida Pereira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

João Pessoa- Paraíba

Maria de Fátima Leite Gomes

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

João Pessoa- Paraíba

RESUMO: O presente artigo resulta de uma revisão bibliográfica acerca da violência nas escolas, cujo interesse é reflexo das observações abstraídas através do projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) realizado no ano de 2016 numa escola da cidade de João Pessoa-PB. Desse modo, com o trabalho em tela busca-se compreender o real sentido do conceito de violência na escola, seus fundamentos conceituais, os aspectos e fatores histórico culturais e socioeconômicos que contribuem para essa prática, bem como as estratégias para seu enfrentamento, pois, embora não seja um fenômeno recente, ele tem se evidenciado cada vez mais. Assim, adota-se como metodologia, a perspectiva qualitativa de análise das informações sistematizadas, para, em seguida, através da leitura do pensamento dos autores consultados, fundamentar o debate

de modo que, seja entendida como reflexo das expressões da questão social e, portanto, não ser vista isoladamente, assim como, sugerir saídas e mecanismos possíveis de estratégias, de confronto e de superação dessa problemática. Destarte, os primeiros passos para esse enfrentamento é distinguir violência de indisciplina, diferenciá-las para não contribuir com uma estatística de violência na escola acima do que realmente é, pois, sobre o referido tema ocorrem diferentes interpretações e inúmeras causas lhes são atribuídas. Igualmente, se faz necessário compreender que não se pode colocar em prática o conformismo, e sim buscar meios para se criar estratégias que a minimize.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Indisciplina. Violência

ABSTRACT: This article is the result of a bibliographical review about violence in schools, whose interest is a reflection of the abstracted observations through the extension project of the Federal University of Paraíba (UFPB) held in 2016 in a school in the city of João Pessoa-PB. Thus, the work on canvas seeks to understand the real meaning of the concept of violence in the school, its conceptual foundations, aspects and historical cultural and socioeconomic factors that contribute to this practice, as well as the strategies for coping, although not a recent phenomenon, it has become increasingly

evident. Thus, the qualitative perspective of systematized information analysis is adopted as a methodology, and then, through reading the thoughts of the authors consulted, to base the debate in a way that is understood as a reflection of the expressions of the social question and, therefore, , not to be seen in isolation, as well as to suggest possible ways and means of strategies, confrontation and overcoming this problematic. Dict you, the first steps to this confrontation is to distinguish violence from indiscipline, to differentiate them from contributing a statistic of violence in the school above what it really is, because, on the said theme occur different interpretations and countless causes are attributed to them. Likewise, it is necessary to understand that conformity can not be put into practice, but rather to seek ways to create strategies that minimize.

KEYWORDS:Education. Indiscipline. Violence

1 | INTRODUÇÃO

A violência escolar tem se constituído um dos grandes problemas na atualidade, pois nunca se falou tanto nesse fato social, cujas consequências são nocivas tanto para vítima quanto para o agressor.

As perguntas que se fazem constantemente é: por quê acontece?, quais as suas causas? o que fazer? como evitar a situação?. Porém, para alcançar essas respostas, é preciso antes de tudo compreender o real sentido do conceito de violência na escola, seus fundamentos conceituais, os aspectos e fatores históricos, culturais e socioeconômicos que contribuem para essa prática.

Assim, o presente artigo tem como objetivo explanar sobre essa temática que tem estado presente no universo escolar, para tanto, a metodologia segue uma perspectiva qualitativa, na qual se faz uma análise crítico-reflexiva que propicie a busca pelo entendimento do que tem ocasionado essa incidência de violência no âmbito escolar, e à luz da leitura do pensamento dos autores consultados, fundamentar o debate a cerca desse fenômeno social, bem como evidenciar o quanto afeta a aprendizagem de todos os envolvidos.

2 | CONCEITUANDO A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

O complexo fato social que é a violência na escola tem causado medo a alunos, professores, pais, gestores, e tem sido matéria de noticiários, o que torna ainda mais visível e aflige ainda mais, porque a violência na escola não ocorre apenas entre alunos, mas contra professores, funcionários e na ânsia de tratar o problema, ínumeros conceitos são dados à violência que acontece no âmbito escolar.

Porém, não é algo recente, sempre existiu, ela apenas passou a ter novas formas, adquiriu nova roupagem, passou a ser debatida e isso também contribuiu para torná-la mais evidente. Contudo, vale salientar que a idade com que é praticada também mudou, percebe-se a violência presente em gestos, atos de crianças que em outros

tempos não acontecia. Mas, antes de conceituar a violência na escola se faz mister definir o termo violência e dentre os diversos conceitos que é dado Chauí (2011, p. 379), explana de forma mais completa e dá a seguinte definição ao termo violência:

A palavra violência vem do latim *vis*, força, e significa: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror.

Assim, a violência fere a natureza do indivíduo, cercea sua liberdade transgride, brutaliza não apenas fisicamente, mais moral e psicologicamente deixando terríveis conseqüências para quem a sofre e quando acontece na escola, o dano se torna ainda maior. Possui uma força devastadora na vida do alunado, seja ela na forma física e verbal ou simbólica, que Chalita(2008) as classifica como violência direta e indireta respectivamente.

Destarte, podemos conceituar a violência na escola como todo ato praticado no âmbito escolar que desrespeita, constrange, humilha, brutaliza, machuca seja de forma verbal, física ou psicológica, bem como fere a liberdade do outro num universo que tem como objetivo a aprendizagem, a aquisição do conhecimento.

No entanto, essa violência que tanto tem afastado alunos da escola e deixado terríveis sequelas, também tem sido tratada por alguns como indisciplina o que requer o entendimento do referido termo para que assim possa ser feita a distinção, pois, a violência e indisciplina muitas vezes são compreendidas de maneira distorcida, de tal modo que quando acontece a indisciplina, esta é considerada violência. Isso se dar muitas vezes quando se tem a pretensão de minimizar a situação podendo até ser para mascarar um problema que acontece na escola, bem como por não perceber que não se trata de sinônimos e sim de termos distintos.

Parra (2009, p.9264) afirma que “a indisciplina significa o contrário à disciplina, é o estado de desordem, de desobediência e de certa rebeldia. A violência, por outro lado, se constitui a partir do uso da força, ocorre um constrangimento físico e/ou moral. (...)” . Contudo, o mais comum nas escolas é que quando um aluno descumpra as normas, geralmente ocorre uma sanção por indisciplina, e quando pratica uma violência verbal com o professor também consideram indisciplina.

Destarte, é necessário não apenas deter-se em conceituar a violência escolar, mais buscar identificar o que a ocasiona e colabora para que aconteça.

3 | ASPECTOS E FATORES QUE CONTRIBUEM PARA ESSA PRÁTICA

No universo escolar quando ocorrem episódios de violência o questionamento torna-se ainda maior, por ser um ambiente cujo objetivo é o aprendizado, o conhecimento, a educação, aprofunda-se assim a busca pelo interesse dos fatores que contribuem para a prática da violência.

Em 07 de abril de 2011, a Escola Municipal Tasso da Silveira no bairro de Realengo no Rio de Janeiro vivenciou a tragédia de ter 12 de seus alunos assassinados e outras 17 vítimas feridas, quando por volta das 8h30min, o jovem Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, adentrou a escola e com duas armas em punho protagonizou o massacre cometendo suicídio em seguida.

A tragédia foi notícia no Brasil e no mundo, assim como a pergunta: o que levaria alguém a cometer tal crime?. O atirador, foi aluno da referida escola e durante o período que lá estudou foi vítima de bullying, porém, no seu contexto histórico haviam outros agravantes, como histórico de depressão na família, e enquanto estava grávida dele a mãe tentou suicídio. Foi adotado por familiares, mais na escola era uma criança antissocial, dois anos antes da tragédia, já tinha tendência suicida, e quando a mãe adotiva foi a óbito piorou a situação e culminou com o triste fato acima mencionado.

O caso de Realengo evidencia que diversos fatores contribuíram para a violência proporcionada pelo ex-aluno, como pontuado por Paixão e Nunes (2009, p.88): “a violência não tem origem em uma dada manifestação. Ela se apresenta de diferentes formas, como resultado de um conjunto de condicionantes sociais, econômicos, culturais, psicológicos, entre outros”. Corroborando com Paixão e Nunes, Rios(2012) afirma que são inúmeras as questões levam a violência o ambiente escolare citou como os principais, as diferenças sociais,culturais, psicológicas, de personalidades, competição e atitudes destrutivas, evidenciando também as agressões sofridas pelos professores, contra a insinuação, bem como a violência dos adultos às crianças.

Porém, não podemos deixar de observar como a escola tem trabalhado a temática, como tem tratado os casos de violência que surgem, que assistência, orientação tem dado aos alunos que agredem o outro e o que a escola tem feito para minimizar o trauma que fica nas vítimas, pois, se esta for omissa, ou ver com naturalidade a situação, só irá contribuir para a expansão do problema.

Priotto e Boneti,(2009,p.175) identificaram algumas situações que podem ser geradoras da violência na escola:

a) *Desestruturação familiar* que pode ser ocasionada pela separação dos pais, por uma educação ineficiente, e a consequência disso é a reprodução na escola da violência presenciada em casa, ou no contexto onde vive.

b) *Desemprego*, que provoca uma situação econômica precária, a fome que pode deixar o aluno irritado, revoltado por não ter o que comer;

c) *O aluno* que em decorrência da vulnerabilidade social na qual se encontra pode tornar-se revoltado, sem respeito à vida, sem sentimento, emoção e afetividade,

mas deseja ter poder e com isso, cumprimenta batendo, xingando, é uma pessoa sem limite, eu não aceita mudar suas atitudes, ameaça, dar chute, beliscão, bate, morde.

d) *As Relações profissionais*, que podem ser ocasionadas por falta de respeito na relação profissional, e entre professor e funcionários.

Tudo aponta para expressões da questão social, e por mais que o indivíduo seja culpabilizado, o contexto sociohistórico tem influência nos fatos que ocorrem na sociedade. De forma que, ROSA (2010, p.149) afirma que,

Na sociedade há uma crescente preocupação com as diversas formas de violências cometidas contra e pelos jovens, a violência sofrida e praticada por esta camada, está relacionada com a condição de vulnerabilidade social a que estão expostos. Tal vulnerabilidade estaria levando-os a sofrer um risco de exclusão sem precedentes. Em busca de um referencial, é na adolescência, período de grandes transformações, que o jovem busca nos meios para sua identidade adulta. Nessa fase ele se torna sensível e vulnerável às influências do meio sejam elas construtivas ou destrutivas.

Assim, os fatores que colaboram para a existência da violência escolar, também propicia as formas como essa acontece, o que se constitui uma extrema necessidade do entendimento desse fato social.

4 | AS FORMAS DE VIOLÊNCIA NO UNIVERSO ESCOLAR

A violência escolar pode ocorrer de diversas formas: verbal, física, psicológica, simbólica, de modo que, para Abramovay (2006, p.41),

A modalidade de violência mais frequente na escola é a briga. Ela abrange desde formas de sociabilidade juvenil até condutas brutais. Briga-se por futebol, lanche, notas, por causa de apelidos e tomada de objetos uns dos outros. O olhar direto, o “encarar”, é visto como desrespeitoso e desafiador e pode levar a confrontos. Também esbarrar no outro, mesmo sem querer, pode ser interpretado como atitude pouco cuidadosa e de provocação, podendo ocasionar brigas violentas. Elas são consideradas acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos. Muitas vezes, surgem como continuidade de brincadeiras entre alunos, podendo ter ou não conseqüências mais graves. (sic)

Vale salientar que, além das modalidades já citadas, o bullying tem sido uma das formas mais comuns de violência, e segundo Soares (2013, p.25), trata-se de “[...] um crescente e antigo fenômeno social registrado em diversos países e culturas que preocupa o mundo inteiro, uma vez que pode desencadear distúrbios graves nas vítimas[...]”.

Porém, nem toda violência é bullying, e este caracteriza-se por não ter causa aparente para a violência, bem como ser repetitiva. De modo que, para Fante; Pedra (2008, p. 22), o bullying é uma forma de violência que se expressa da seguinte forma:

Física (bater, chutar, beliscar); **verbal** (apelidar, xingar, zoar); **moral** (difamar, caluniar, discriminar); **sexual** (abusar, assediar, insinuar); **psicológico** (intimidar, ameaçar, perseguir); **material** (furtar, roubar, destroçar pertences); e **virtual** (zoar, discriminar, difamar, através da internet e do celular). (Grifo nosso).

Contudo, independente da forma, as consequências são terríveis para quem as sofre, deixando sequelas muitas vezes irreparáveis, como ocorreu aos sobreviventes do ataque da escola de Realengo, no qual uma aluna ficou paraplégica, outro perdeu a visão de um olho, duas mães se encontram com graves desequilíbrios emocionais, e três parentes sofreram infarto, e um deles não sobreviveu.

Destarte, embora não seja possível tornar a escola um local totalmente sem violência, é possível minimizá-la, intervir nos conflitos que muitas vezes são xingamentos, empurrões, racismo, preconceitos em geral, rejeições, críticas que se não for tratado culmina nesse grande mal que é a violência no âmbito escolar.

Situações como essas, fazem-nos refletir, na forma que se deve agir para prevenir a violência na escola, pensar em mecanismos, elaborar planos para enfrentar tão grande mal.

5 | AS ESTRATÉGIAS PARA ENFRENTAMENTO

Numa unidade escolar é possível elaborar diversas estratégias para enfrentamento da violência, porém, as principais formas utilizadas para coibir ainda tem sido o autoritarismo, a punição, mas, a sanção por si só não resolve, haja vista que, um aprendiz que não gosta de estudar, ao cometer um ato de violência, ao ser suspenso, acontece justamente o que ele quer, que é não permanecer na escola, ser suspenso e com isso “adquire” o “direito” de não ir a escola.

Desse modo, a escola está a contribuir para que a prática da violência seja uma constante na vida daquele aluno, porque quando não deseja ficar na escola, basta protagonizar um ato de violência, que resultará em nova suspensão e ficará em casa por alguns dias, de forma que, autoritarismo, agentes de segurança, estratégias de contenção, disciplina coativa e repressiva, são formas frágeis de enfrentamento (RIOS 2012), pois, não vai modificar a forma de pensar, não vai estimular a conscientização quanto ao erro da violência praticada.

O que a escola precisa para minimizar a violência que tanto tem preocupado a sociedade em geral, é antes de suspender, conversar, dialogar com o aluno que promoveu a agressão, buscar identificar o que tem causado a violência, pois, naquela ocasião ele (ela) é o agressor(a), porém, em algum momento da sua vida foi, ou está passando por situação de violência, de abandono, procura com seus atos chamar a atenção e também precisa de ajuda, ser tratado. Se antes de dialogar já anuncia-se a suspensão, está colaborando para que o aluno prossiga com atos de violência.

Assim, uma das melhores formas de coibir essa prática é educando através da mediação, fazendo refletir nos seus atos, percebendo os erros praticados, entendendo que tem direitos e deveres. Pois, a mediação é “(...)uma prática de resolução de conflitos, em que as partes envolvidas buscam uma solução do impasse vivido, com a presença de um terceiro, o mediador, o qual apoiará a manutenção do diálogo dos mesmos(...)”.(RIOS, 2012, p.45)

Essa prática tem como objetivo proporcionar a mudança de pensamento, não apenas fazer com que o indivíduo deixe de praticar tal ato por temer ser punido e sim a ter uma empatia, a colocar-se no lugar do outro, a ter consciência quanto aos direitos e deveres, das responsabilidades dos seus atos, a buscar uma convivência saudável de diálogo e respeito ao próximo. Pois, de acordo com Rios (2012,p.83),

Tratar a violência na escola implica em um trabalho responsável e consciente com o diferente, com a diversidade, com o que provoca a inquietação e questionamentos. É preciso desenvolver a capacidade de diálogo, propor práticas que disseminem a cultura da paz e a inclusão social, contribuindo para um novo projeto de sociedade no qual, o bem de todos estejam realmente em vista.

Vejamos como é possível mediar um conflito, e evitar que se torne mais uma estatística de violência escolar. O fato aqui apresentado é uma história real, que presenciamos, mais o nome da criança é fictício.

José, é um garoto de 07 anos e no seu lar está vivenciando uma situação de separação dos pais, de brigas constantes e além das brigas que presencia costumeiramente, ele descobre que o pai, que é o grande herói dele tem um filho com outra mulher. José já era um garoto hiperativo, impulsivo passa a ser indisciplinado, não faz tarefa, não obedece à professora, e as reclamações são constantes quanto ao comportamento de José, o qual foi suspenso três vezes por bater nos colegas. Onde José estudava, havia sanções, não havia diálogo.

José é transferido para outra escola que diferente da primeira, diante dos conflitos, existe antes de tudo o diálogo, e foi conversando com José que a professora tomou conhecimento do contexto familiar dele, conversou com os pais, estes buscaram ajuda psicológica, perceberam o mal que as brigas familiares estavam causando, desistiram da separação e hoje, José está com 09 anos, e segue uma rotina normal de toda criança sem indisciplina, desobediência nem violência.

Percebe-se com isso o quanto a mediação, o diálogo também possibilita entender, tomar conhecimento do contexto do outro, e buscar a razão da agressividade, a qual pode ser decorrente de alguma violência anteriormente sofrida ou que se esteja a sofrer, a presenciar e se trate de uma reprodução do que se vive no contexto familiar, social da comunidade.

Nessa perspectiva, o que a escola precisa, não é apenas identificar o culpado e aplicar uma punição, é tratar do assunto com a comunidade escolar, realizar palestras com o alunado, professores e demais funcionários e principalmente, apresentar aos pais a necessidade da parceria escola-família para enfrentamento de uma situação que provoca sérios danos na sociedade como um todo, pois, um agressor escolar, que comete pequeno ato de violência pode se tornar uma pessoa que no futuro realize uma violência de maior proporção.

Em se tratando do enfrentamento por parte dos gestores no sentido de reduzir a violência no âmbito escolar, em 06 de novembro de 2015, foi sancionada a Lei Nº 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), e

no artigo quatro que trata dos objetivos do programa, estabelece o enfrentamento à temática, bem como o dever de dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores; e a implementação e disseminação de campanhas de educação, conscientização e informação.

Destarte, implementar projetos que colabore no enfrentamento da violência na escola é de suma necessidade, pois, os danos que ocasiona atingem a aprendizagem. FANTE e PEDRA(2008,p.2), afirma que:

Em todo o mundo milhões de estudantes deixam de comparecer às aulas por medo de sofrer bullying. Somente nos Estados Unidos, 160 mil estudantes não comparecem (...) às aulas diariamente por causa do bullying. No Brasil, não temos dados quantitativos que nos possibilitem esse conhecimento, porém sabemos que o índice de absentismo é alto. O bullying interfere no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emocional. Favorece o surgimento de um clima escolar de medo e insegurança, tanto para aqueles que são alvos como para os que assistem calados às mais variadas formas de ataques. O baixo nível de aproveitamento, a dificuldade de integração social, o desenvolvimento ou agravamento das síndromes de aprendizagem, os altos índices de reprovação e evasão escolar têm o bullying como uma de suas causas.

A violência afasta o aluno da escola e propicia a evasão escolar. As vítimas se afastam por temer que a violência sofrida se repita pois segundo Olweus(1993, p. 95),

(...) as vítimas são repetidamente importunadas, de forma vexatória são chamadas por apelidos depreciativos, são ridicularizado, ameaçadas, são motivos de piadas (não amigáveis, humilhadas,agredidas, tem seus pertences roubados ou estagados. Apresentam machucados como arranhões, e cortes, roupas rasgadas, as quais não é possível dar uma explicação natural.

Com os agressores também ocorre a evasão escolar,porém é em decorrência das suspensões se esta continuar a acontecer carretará em expulsão, uma vez isso acontecendo, geralmente esse aluno não volta para a escola e a tendência é intensificar o nível da violência.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, evidencia-se o quanto é necessário abordar a temática não apenas nas escolas, como também em insituições públicas, igrejas, associações comunitárias, de modo a promover uma cultura de paz, estimulando o respeito ao próximo.

Neste sentido, para se enfrentar essa problemática, não se deve deter-se apenasem registrar os casos e os contabilizar, nem tampouco considerar que faça parte do cotidiano escolar. Isso seria uma maneira de naturalizar a situação. É imprescindível identificar os tiposde violência que ocorrem na escola, a fim de analisar os fatos criticamente, buscando a totalidade em que se inserem, bem como, as causas e os fatores que colaboram para o surgimento desse fato social.

Portanto, encontrar estratégias de superação no cotidiano escolar, concomitante com um trabalho social que envolva a família e a equipe interdisciplinar por meio do

estímulo ao diálogo, e que resgate a autoestima do aluno, faz-se urgente. Damesma forma, estabelecer um vínculo com a família e a comunidade e, principalmente, utilizarda autoridade e não de autoritarismo, de modo a estimular a conscientização não apenas dos alunos, mas também dos pais acerca das consequências causadas pela violência na escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; **Cotidiano das escolas: entre Violências**. Brasília: UNESCO; Observatório de Violências nas escolas; MEC, 2006

BRASIL. Presidência da República. Programa **de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Brasília: **Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2015**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm> Acesso em: 20 de Fev de 2019.

CHAUÍ, M. Ética e violência no Brasil. Revista Bioéthikos- Centro Universitário São Camilo - 2011;

CHALITA, G. pedagogia da amizade: Bullying – O sofrimento das vítimas e dos agressores. 3.Ed. São Paulo. Editora Gente, 2008.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas & respostas**. Porto Alegre: Artmed 2008. ISBN 978-85-363-1366-5°.

FORTUNA, T. R. **Indisciplina escolar: da compreensão à intervenção**. IN: XAVIER, Maria Luisa Merino (Org.) *Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

MINAYO, M. C. de S. **Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde**. In: NJAINE, Kathie; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia. *Impactos da violência na saúde*. 1ª reimpressão: 2010. 2ª edição (revista): 2009 (1ª edição: 2007). il. Coedição com a EAD/ Ensp

OLWEUS, D. **Bully/victim problems in school: facts and intervention European** .Journal of Psychology of Education, 4: 495-510, 1997.

PAIXÃO, C. J; NUNES C. S. C. **Violência e ética no cotidiano das escolas**. Hélder Boska de Moraes Sarmiento (Org.) – Belém: Unama, 2009. 96p

PARRA, S. Indisciplina e violência na escola e o processo de ensino- aprendizagem: algumas considerações a partir da organização do trabalho pedagógico. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2208_2142.pdf. Acesso em 10 de Fev de 2019.

PRIOTTO, E. P.; BONETI, L. W. **Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola**. In: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009

RIOS, Z. **A mediação de conflitos no cenário escolar**. Belo Horizonte. RHJ, 2012

ROSA, M. J. A.. **Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem**. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8, jul-dez2010.

SOARES, A.S. T. **Bullying e Direito**. Editora Online Corujito, 2013.

Os sobreviventes de realengo. Disponível em https://istoe.com.br/411248_OS+SOBREVIVENTES+DO+MASSACRE+DE+REALENGO/ . Acesso em 21de Fevereiro de 2019.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-465-8

